

ECOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS NA POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Laura Assis¹

RESUMO: O livro de estreia de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*, foi um sucesso editorial na década de 60, mas só mais recentemente a obra dessa autora vem sendo analisada por um viés que transcende a centralidade de questões biográficas e documentais, com foco em outras leituras e perspectivas, como sua complexidade artística e literária, além do lugar fundamental que ocupa no sistema literário brasileiro. Nesse cenário, é possível observar que Carolina Maria de Jesus tem se consolidado cada vez mais como influência e referência para outros autores, principalmente na literatura negro-brasileira, e o objetivo do presente artigo é investigar de que modo elementos de sua produção são retomados e ressignificados em textos de dois poetas contemporâneos, Conceição Evaristo e Edimilson de Almeida Pereira, refletindo sobre elementos diversos, mas principalmente sobre a representação crítica da exclusão, matéria essencial em Jesus, e que também se constitui como questão central nesses poemas.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; literatura negro-brasileira; poesia contemporânea.

ECHOES OF CAROLINA MARIA DE JESUS IN CONTEMPORARY POETRY

ABSTRACT: Carolina Maria de Jesus' debut book, *Quarto de Despejo*, was a publishing success in the 1960s, but only more recently the author's work is being analyzed from a perspective that transcends the centrality of biographical and documentary issues, focusing on other readings and perspectives, such as her artistic and literary complexity, as well as the fundamental place she occupies in the Brazilian literary system. In this scenario, it is possible to observe that Carolina Maria de Jesus has increasingly consolidated herself as an influence and reference for other authors, especially in black-Brazilian literature, and the aim of this article is to investigate how elements of her production are taken up and re-signified in texts by two contemporary poets, Conceição Evaristo and Edimilson de Almeida Pereira, reflecting on various elements, but mainly on the critical representation of exclusion, an essential subject in Jesus, which is also a central issue in these poems.

Keywords: Carolina Maria de Jesus; Black-Brazilian literature; Contemporary poetry.

¹ Doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora de Língua Portuguesa e Literatura no Departamento de Letras e Artes do Colégio de Aplicação João XXIII/Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: laura.assis@ufjf.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-2263-1761>

Introdução

O livro de estreia de Carolina Maria de Jesus foi um sucesso editorial na década de 60, mas só mais recentemente a obra da autora vem sendo analisada por um viés que transcende a centralidade de questões biográficas e documentais. Enquanto na época do lançamento de *Quarto de despejo* (1960) – e nos anos subsequentes – a existência de uma escritora negra, pobre, favelada e catadora de papel parecia ser um dos únicos pontos a ser destacado, nos últimos anos tem sido possível observar um interesse pela obra da autora que privilegia outras leituras, tópicos e perspectivas, como sua complexidade artística e literária e o lugar fundamental que ocupa na literatura brasileira, uma vez que, ao abordar temas e problemas cruciais para a nossa sociedade – como racismo, preconceito, miséria, misoginia e exclusão, entre muitos outros – Jesus tornou-se, principalmente devido a esse caráter subversivo e insurgente de sua produção, referência incontornável em nosso sistema literário.

Inaugurada em 2021 no Instituto Moreira Salles, em São Paulo-SP, a exposição “Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros” pode ser considerada, nesse sentido, marco importante no movimento de valorização e retomada da obra da escritora mineira. No texto de apresentação da exposição², de autoria dos curadores Hélio Menezes e Raquel Barreto, Carolina é definida como “uma escritora profícua, uma multiartista, que estabeleceu uma tradição estética e literária de alcance internacional, com reverberações no tempo presente” (Menezes e Barreto, 2021).

No mesmo ano, a Companhia das Letras, uma das maiores e mais importantes editoras do Brasil, deu início ao projeto de publicação da obra de Carolina Maria de Jesus, inicialmente com os dois primeiros volumes de *Casa de alvenaria*, e posteriormente com o lançamento de textos ainda inéditos, como o romance *O escravo*, que veio a público em 2023, entre outros que serão editados futuramente.

Nesse cenário, pode-se destacar, ainda, a existência de inúmeros estudos e artigos, que resultam de pesquisas acadêmicas realizadas principalmente país afora, mas também internacionalmente, e que têm como foco aspectos distintos da obra da autora de *Diário de Bitita* (1982).

É possível, ainda, identificar como a escrita de Carolina Maria de Jesus tem se constituído cada vez mais como referência para outros escritores e artistas de áreas diversas, sendo este o foco do presente artigo, que irá analisar produções poéticas contemporâneas que dialogam e referenciam diretamente a produção literária da autora, buscando identificar e compreender aspectos da influência exercida por ela. O objetivo principal do texto é investigar de que modo elementos da literatura de Jesus são retomados e ressignificados por escritores como Conceição Evaristo e Edmilson de Almeida Pereira, refletindo, principalmente, sobre a

² O texto de apresentação citado, assim como outros materiais e informações sobre a exposição podem ser encontrados no site oficial do Instituto Moreira Salles, no qual é possível, inclusive, realizar um tour virtual pela mostra: <https://ims.com.br/exposicao/carolina-maria-de-jesus-ims-paulista/>

representação crítica da exclusão, matéria essencial na autora, e que também se constitui como questão central nos poemas aqui selecionados.

1. Abalo e desestabilização: o caso Carolina Maria de Jesus

O surgimento de Carolina Maria de Jesus na cena editorial brasileira dos anos 1960 foi um acontecimento ímpar, profusamente narrado pela imprensa da época e frequentemente recuperado por artigos, estudos, reportagens e biografias que se propõem a contar a história da autora. Interessa-nos aqui, entretanto, mais especificamente, o impacto da existência de uma autora como Carolina Maria de Jesus no que diz respeito aos inúmeros efeitos que sua literatura causou e continua causando em leitores, pesquisadores e, principalmente, em outros autores.

Existe um ponto inicial relacionado à identificação, ou seja, o modo como Carolina representou – no momento de seu aparecimento e, posteriormente, no seu processo de consolidação como escritora – indivíduos que, como ela, enfrentavam o preconceito e a exclusão, sendo preteridos e depreciados em um contexto social completamente adverso às suas existências. Em resenha do livro *A vida escrita de Carolina de Jesus*, de Elzira Perpétua, Laura Padilha (2021) observa que

(...) a chegada do Diário de Carolina entre nós brasileiros, a partir do ano de 1958, quando eu própria era ainda estudante de Letras Neolatinas, foi algo da ordem do memorável. Percorriamos, quase compulsivamente – nós, os alunos de então, e alguns dos nossos professores, e mesmo familiares – os jornais e/ou revistas em que os fragmentos deste Diário circulavam. Eram infundáveis telefonemas para trocarmos o que havíamos encontrado e discutir o Brasil com que sonhávamos. O livro, ao ser editado, em 1960, causou um quase abalo sísmico, principalmente em muitos de nós, negros, que havíamos vivido, em nossa infância e mesmo adolescência, uma dupla exclusão: a de classe e de raça (Padilha, 2021)

Essa dupla exclusão explicitada por Padilha é parte fundamental do que suscita a identificação naqueles que, segundo a autora, por serem negros e de origem pobre, sentiram o aparecimento da voz literária de Carolina Maria de Jesus como um “abalo sísmico”. A metáfora usada é especialmente interessante ao pensarmos o quanto um texto como o de *Quarto de despejo* tem o poder de, mesmo hoje, tantos anos depois, atuar de modo desorganizador quando inserido em uma lógica conservadora, e vai ao encontro do que é colocado por Edimilson de Almeida Pereira, que em *Entre Orfe(x)e e Exunouveau* (2022), ensaio que analisa a presença de uma estética de base afrodiáspórica na literatura brasileira, afirma:

Muitas obras da literatura negra e/ou afro-brasileira (...) pertencem à esfera dos discursos desestabilizadores, pois evidenciam que o caráter subalterno da maioria dos afro-brasileiros, tantas vezes evocado para explicar sua ausência dos círculos literários e intelectualizados do país, vem se convertendo no

combustível pra a formulação de uma estrutura literária crítica e transformadora (Pereira, 2022, p. 65)

A desestabilização causada pela produção artística e literária de Carolina Maria de Jesus, de fato, foi e ainda é profundamente sentida no meio literário e artístico, e se manifesta, por vezes, também de modo negativo, como na resistência que determinados espaços ainda apresentam com relação à obra e à própria figura dessa escritora.

Entre as muitas ocorrências de situações que explicitam esse preconceito, podemos nos recordar de uma acontecida em 2017, na Academia Carioca de Letras, justamente em um evento em homenagem a Carolina Maria de Jesus, quando um crítico presente afirmou que o que a autora mineira produziu não poderia ser considerado literatura, entre outras afirmações similares. Naquela ocasião, quem se opôs a essa visão, discordando de forma veemente desse posicionamento, foi a poeta Elisa Lucinda, que mais tarde classificou ainda a fala inicial como “uma grande gafe eurocêntrica (..) uma trágica demonstração de racismo, sob o fenótipo de um argumento academicista” (Lucinda, 2017)³.

A análise de Pereira tem como foco a questão racial, ponto que também é trazido no texto de Padilha, em conjunto com o tópico relacionado à classe. Existe, porém, um terceiro elemento tão óbvio quanto fundamental que coexiste com os anteriores: o gênero, fato que é observado por Conceição Evaristo, que afirma:

Quando uma mulher como Carolina Maria de Jesus crê e inventa para si uma posição de escritora, ela já rompe com um lugar anteriormente definido como sendo o dela, o da subalternidade, que já se institui como um audacioso movimento. (...) Carolina Maria de Jesus e sua escrita surgem “maculando” – sob o olhar de muitos – uma instituição marcada, preponderantemente, pela presença masculina e branca (Evaristo, 2009, p. 28)

A observação de Evaristo destaca que há, na já complexa equação da existência de Carolina Maria de Jesus, um terceiro fator, que não pode, entretanto, ser analisado isoladamente.

Em texto originalmente publicado em 1979, intitulado “A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica”, e reeditado em coletânea de artigos lançada em 2020, Lélia Gonzalez afirma que “(...) não é difícil concluir sobre o processo de tríplice discriminação sofrido pela mulher negra enquanto raça, classe e sexo” (Gonzalez, 2020, p. 56),

³ Alguns veículos de imprensa, como o jornal *O Globo*, noticiaram na época o que chamaram de “racha” na Academia Carioca de Letras, detalhando o embate entre Ivan Cavalcanti Proença e Elisa Lucinda no evento citado, como pode ser lido nos links <https://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/post/livro-de-ex-catadora-provoca-racha-na-academia-carioca-de-letras.html> e <https://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/post/racha-entre-intelectuais-sobre-obra-de-carolina-de-jesus-clima-cada-vez-mais-tenso.html>. Posteriormente, Lucinda também abordou o episódio – acrescido de reflexões relacionadas à recepção da obra de Carolina Maria de Jesus – em sua coluna no site *Publishnews*, disponível no link: <https://www.publishnews.com.br/materias/2017/04/24/carolina-de-jesus-e-literatura-sim>.

complementando, ainda, que “os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam [a mulher negra] no nível mais alto de opressão” (Gonzalez, 2020, p. 58).

Já em “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, Gonzalez analisa os vários papéis aos quais as mulheres negras têm sido relegadas ao longo da história brasileira, concluindo que:

Como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra, pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica. É por aí que a culpabilidade engendrada pelo seu engajamento se exerce com fortes cargas de agressividade (Gonzalez, 2020, p. 58)

Esse pensamento de Lélia Gonzalez relativo aos lugares e funções sociais ocupados pelas mulheres negras – e aos contextos nos quais são (e como são ou não) toleradas – vai ao encontro de um conceito da socióloga norte-americana Patricia Hill Collins, que usa o termo “imagens de controle” para abordar a problemática desses papéis previamente demarcados, que carregam consigo o preconceito e a segregação e são gerados pela mistura de racismo e misoginia. De acordo com Collins:

As imagens de controle surgidas na era da escravidão e ainda hoje aplicadas as mulheres negras atestam a dimensão ideológica da opressão das estadunidenses negras na cultura estadunidense. As ideologias racista e sexista permeiam a estrutura social a tal ponto que se tornam hegemônicas, ou seja, são vistas como naturais normais e inevitáveis. Nesse contexto certas qualidades supostamente relacionadas às mulheres negras são usadas para justificar a opressão. Sempre presentes na cultura popular contemporânea, os estereótipos negativos aplicados as afro-americanas têm sido fundamentais para sua opressão. Tomada em conjunto, a rede supostamente homogênea de economia, política e ideologia funciona como um sistema altamente eficaz de controle social destinado a manter as mulheres afro-americanas em um lugar designado e subordinado. Esse sistema mais amplo de opressão suprime as ideias das intelectuais negras e protege os interesses e as visões de mundo da elite masculina branca (Collins, 2019, p. 35).

No caso da reflexão de Collins, o foco é a sociedade norte-americana, entretanto, é possível traçar uma relação com a realidade de todas as mulheres negras, conforme observado pela própria autora, que afirma que “A invisibilização das mulheres negras e de nossas ideias – não apenas nos Estados Unidos, mas na África no Caribe na América do Sul na Europa e em outros lugares onde vivem mulheres negras – tem sido decisiva para manutenção de desigualdades sociais (Collins, 2019, p. 32)

Desse modo, podemos compreender a intensidade do abalo e da desestabilização causados pelo aparecimento e posterior estabelecimento dessa autora em nosso sistema literário, uma vez que, pelo lugar subalternizado que ocupava, ser alçada à condição de literata

contrariava tudo aquilo que o conservadorismo acreditava – e ainda acredita – ser definidor para a figura de um escritor e de sua produção.

É interessante, ainda, observar que todas essas questões são, de alguma forma, abordadas por Carolina Maria de Jesus ao longo de sua obra, sendo frequentes tanto nas inúmeras cenas que retratam as agruras do preconceito em *Diário de Bitita* e *Quarto de despejo*, por exemplo, como em versos da obra poética e musical da autora que fazem referência a questões de raça, gênero e classe, como é retratado no poema “Muitas fugiam ao me ver”:

Muitas fugiam ao me ver
Pensando que eu não percebia
Outras pediam pra ler
Os versos que eu escrevia

Era papel que eu catava
Para custear o meu viver
E no lixo eu encontrava
livros para ler

Quantas coisas eu quiz fazer
Fui tolhida pelo preconceito
Se eu extinguir quero renascer
Num país que predomina o preto

Adeus! Adeus, eu vou morrer!
E deixo esses versos ao meu país
Se é que temos o direito de renascer
Quero um lugar, onde o preto é feliz.
(Jesus, 1996, p. 174)

O texto é construído a partir da dualidade que esteve presente ao longo de toda a vida e carreira literária de Carolina Maria de Jesus. Enquanto o aspecto físico de uma catadora de papel, negra e moradora da favela poderia espantar e assustar pessoas preconceituosas, que chegavam a fugir ao se deparar com essa figura, outras, conhecedoras da obra da qual essa mesma mulher era autora, fosse por curiosidade ou interesse genuíno, buscavam-na para ler seus versos.

A dualidade também está presente na contradição explicitada no fato da voz poética encontrar no lixo os livros a serem lidos. Ou seja, os objetos que são o símbolo máximo de seu ofício literário – e também de seu interesse pela leitura – eram encontrados justamente no local no qual a sociedade descarta tudo aquilo que não quer mais. Já as duas últimas estrofes, por sua vez, abordam diretamente questões raciais, ao explicitar o preconceito que a impediu de realizar as coisas que desejava, e a aspiração de viver em um país onde não houvesse racismo, um lugar “onde o preto é feliz”.

Diante dessas considerações, interessa-nos agora buscar compreender de que modo algumas produções poéticas contemporâneas têm dialogado com a tão marcante e fundamental

obra de Carolina Maria de Jesus, e referenciado sua figura e sua produção literária, analisando como alguns elementos centrais da literatura de Carolina são retomados e ressignificados por dois poetas contemporâneos: Conceição Evaristo e Edimilson de Almeida Pereira.

2. Ecos de Carolina

Na citação de Edimilson de Almeida Pereira apresentada na seção anterior, o autor chama atenção para o fato de que muitas obras da literatura negra e/ou afro-brasileira atuam como “discursos desestabilizadores” que acabam por se tornar “combustível pra a formulação de uma estrutura literária crítica e transformadora” (Pereira, 2022, p. 65). De fato, é interessante observar a forma como a obra de Carolina Maria de Jesus, foco da presente análise, tem sido catalisadora de outras produções, que referenciam não só à produção original da autora, mas também a figura dessa escritora que, como vimos, foi e é responsável pela transgressão e ruptura de modelos e padrões.

Como recorte deste artigo, foram escolhidos três poemas de dois autores que figuram também como aporte teórico deste estudo: Conceição Evaristo e Edimilson de Almeida Pereira. O objetivo é analisar textos desses poetas que fazem referência à vida e à obra de Carolina Maria de Jesus, refletindo, principalmente, sobre a representação crítica de elementos que são essenciais na produção dessa autora, como o preconceito, o racismo e a exclusão de modo geral.

Na edição revista e acrescida do livro *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017), Conceição Evaristo publicou o texto “Carolina na hora da estrela”, reproduzido a seguir:

No meio da noite Carolina corta a hora da estrela.
Nos laços de sua família um nó
– a fome. José Carlos masca chicletes.
No aniversário, Vera Eunice desiste
do par de sapatos, quer um par de óculos escuros.
João José na via-crúcis do corpo,
um sopro de vida no instante-quase
a extinguir seus jovens dias.
E lá se vai Carolina com os olhos fundos,
macabeando todas as dores do mundo...
Na hora da estrela, Clarice nem sabe
que uma mulher cata letras e escreve
“De dia tenho sono e de noite poesia”
(Evaristo, p. 96, 2017)

Todo o poema é construído a partir de referências à obra de Carolina Maria de Jesus e de Clarice Lispector – com exceção de um breve aceno à canção “Carolina”, de Chico Buarque, cuja letra se inicia com os versos “Carolina/em seus olhos fundos/ Guarda tanta dor/A dor de

todo esse mundo”⁴. A cena criada pelo texto evoca acontecimentos de *Quarto de despejo* relacionados, por exemplo, aos filhos da autora, cujos nomes são citados por Evaristo, e que figuram de forma recorrente na narrativa de Jesus como personagens cujos desejos, necessidades e desventuras são descritos. Aparecem também no poema, mais especificamente nos versos finais, referências ao próprio ato de escrita, sempre retratado na obra de Jesus.

A via crucis do corpo, *Laços de família* e *Um sopro de vida* são títulos de obras⁵ de autoria de Clarice Lispector, assim como a referência mais fundamental para o poema em questão: a relação estabelecida entre o romance *A hora da estrela* (1977) e a figura de Carolina, conforme adiantado no título. Esse paralelo criado pela poeta culmina na transformação da protagonista do livro de Lispector, Macabéa, em verbo encarnado pela autora mineira: “E lá se vai Carolina com os olhos fundos,/macabeando todas as dores do mundo...”.

Essa relação com a protagonista de *A hora da estrela*, aparece em outros momentos da escrita de Evaristo, que voltou a essa personagem no livro “Macabéa: Flor de Mulungu” (2023), no qual reconta a história de Macabéa. Ao comentar alguns aspectos dessa releitura, a autora fala sobre a potência que enxerga na personagem de Lispector, originalmente caracterizada pela ingenuidade, silenciamento e inferiorização em relação aos outros personagens da narrativa, fazendo a seguinte observação:

Quantas coisas não aprendemos com as mulheres que nos geraram, nossas antecessoras? Muitas ensinaram no silêncio, numa aparente passividade, e depois descobrimos que esse silêncio era uma tática de enfrentamento para que pudéssemos estar aqui hoje. Essas Macabéas caladas, silenciadas, como as mulheres negras, as mulheres indígenas, hoje têm projetado suas vozes” (Evaristo, 2023).

A fala de Conceição Evaristo aponta para a relação feita pela autora entre a personagem silenciada e o silenciamento de mulheres que, apesar de por tanto tempo terem ocupado uma posição de subalternidade, sofrendo, como apontado por Gonzalez em citação anteriormente trazida neste artigo, um “processo de tríplice discriminação”, conseguiram, de alguma forma – e em muitos casos somente nas gerações seguintes – fazer com que suas vozes fossem ouvidas, como aconteceu com Carolina Maria de Jesus.

Dessa forma, é possível concluir que Evaristo faz uso de uma personagem excluída para caracterizar e representar criticamente a exclusão sofrida por mulheres que, além das dificuldades enfrentadas devido ao gênero, se deparam com outros obstáculos que as oprimem socialmente, como a raça, a origem e a classe, o que pode ser amplamente encontrado ao longo de toda a obra de Jesus.

No poema de Conceição Evaristo, o título da coletânea de contos *Laços de família* é utilizado para introduzir uma questão fundamental que está presente em vários momentos da

⁴ CAROLINA. Compositor e intérprete: Chico Buarque. *In*: Chico Buarque de Hollanda, Volume 3. Intérprete: Chico Buarque. São Paulo: RGE, 1968. 1 CD, faixa 5.

⁵ Livros publicados, respectivamente, nos anos de 1974, 1960 e 1970.

produção de Carolina Maria de Jesus, uma enorme dificuldade – “um nó” – enfrentada ao longo de grande parte de sua vida, por ela e pela família: a fome. Entre as várias cenas de seus livros que fazem referência a essa situação e poderiam ser lembradas aqui, a reproduzida a seguir, apresentada em *Quarto de despejo*, é especialmente significativa, por se passar em dia muito simbólico:

(...) Eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada:

—Viva a mamãe!

A manifestação agrada-me. Mas eu já perdi o habito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida. (...)

Choveu, esfriou. E o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos.

E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual — a fome! (Jesus, 2014. p. 27)

Apesar das convergências e das várias referências, o poema de Conceição Evaristo encena uma espécie de desencontro entre as duas personagens-escritoras, uma vez que “Na hora da estrela, Clarice nem sabe/que uma mulher cata letras e escreve”. Entretanto, nesse mesmo livro de Evaristo, nas páginas seguintes a “Carolina na hora da estrela”, é apresentado o poema “Clarice no quarto de despejo”, que coloca as duas figuras frente a frente:

No meio do dia
Clarice entreabre o quarto de despejo
pela fresta percebe uma mulher.
Onde estiveste à noite, Carolina?
Macabeando minhas agonias, Clarice.
Um amargor pra além da fome e do frio,
Da bica e da boca em sua segura.
De mim, escrevo não só a penúria do pão,
cravo no lixo da vida, o desespero,
uma gastura de não caber no peito,
e nem no papel.
Mas, ninguém me lê, Clarice,
Para além do resto.
Ninguém decifra em mim
a única escassez da qual não padeço,
– a solidão –

E ajustando o seu par de luvas claríssimas
Clarice futuca um imaginário lixo
e pensa para Carolina:
– a casa poderia ser ao menos de alvenaria –
E anseia ser Bitita inventando um diário:
páginas de jejum e de saciedade sobejam,

a fome nem em pedaços
alimenta a escrita clariceana.

Clarice no quarto de despejo
lê a outra, lê Carolina,
a que na cópia das palavras,
faz de si a própria inventiva.

Clarice lê :

– despejo e desejos – (Evaristo, p. 97-98, 2017)

Também nesse texto é possível identificar várias referências às obras das duas autoras – *Quarto de despejo*, *Diário de Bitita*, *Pedaços da Fome* e *Casa de alvenaria*, de Jesus⁶, e *Onde estivestes de noite* (1974), de Lispector – assim como, mais uma vez, o uso do neologismo “macabear”, como ocorre no poema anteriormente analisado. Porém, diferentemente do outro texto, no qual os pontos de contato entre as autoras são citações relacionadas às respectivas obras, nesse texto há a encenação de um diálogo entre as duas escritoras – “Onde estiveste à noite, Carolina?/Macabeando minhas agonias, Clarice” – no qual suas realidades tão distintas se confrontam: enquanto Carolina, como é dito na primeira estrofe, vive “Um amargor pra além da fome e do frio,/Da bica e da boca em sua secura”, a estrofe seguinte afirma que “a fome nem em pedaços/alimenta a escrita clariceana”.

A dualidade “despejo” *versus* “desejo” trazida ao final do poema opõe essas realidades em um jogo vocabular que apresenta elementos facilmente identificados na obra das duas escritoras em questão, mas que, se tensionados em seus respectivos sentidos, como ocorre no poema, podem definir ambos os projetos literários aqui referenciados, pois enquanto “Clarice futuca um imaginário lixo”, Carolina crava “no lixo da vida, o desespero, /uma gastura de não caber no peito”. Dessa forma, Conceição Evaristo não só coloca em paralelo a obra das duas autoras, como mostra possíveis imbricações entre ambas, marcadas, porém, por uma distinção fundamental relacionada aos papéis que as escritoras e suas produções ocuparam e ocupam na sociedade.

Ao analisar esses mesmos poemas em artigo que investiga o discurso parodístico na poesia de Conceição Evaristo, Vieira Júnior e Silva (2024) observam que

Note-se que a paródia de Evaristo se dirige ao dualismo, à dicotomia que exalta a obra de Clarice e recusa ou inferioriza a de Carolina, a despeito de Clarice ter acolhido bem a obra de Carolina de Jesus. A hierarquização, portanto, é alvo da ironia de Evaristo, o que converge com o próprio estilo da escritora que assimilou ambas as tradições, a partir do entendimento de que questões existenciais e sociais se cruzam. (Vieira Júnior e Silva, 2024, p. 144)

É possível observar, portanto, que a crítica efetuada por Evaristo por meio dos poemas está relacionada justamente à forma como Carolina Maria de Jesus e sua literatura foram e ainda

⁶ Livros publicados, respectivamente, nos anos de 1960, 1982, 1963 e 2021.

são excluídas de determinados círculos. A poeta traça um paralelo entre temas e abordagens realizados pelas duas escritoras referenciadas, e podemos concluir que a questão social e a exclusão são o cerne dessa comparação – que, ao contrário de uma possível comparação ou oposição entre as duas figuras, busca um reconhecimento da validade e relevância dos dilemas de Jesus em uma perspectiva literária e não apenas documental.

Essa questão da recepção aparece de forma bastante explícita nos versos “Mas, ninguém me lê, Clarice,/Para além do resto”. A leitura “para além” pode ser interpretada justamente como uma leitura que supere o entendimento da literatura de Carolina Maria de Jesus como o simples relato e/ou denúncia, tópico que também reverbera em um poema de Edimilson de Almeida Pereira publicado no livro *E* (2017) e intitulado “A mão de Carolina”:

A mão de Carolina

fere a sintaxe. Tanto engenho
em sua arte mas livro após livro
insistem em falar sobre o lixo
e a coragem de uma estranha
que escreve, apesar do cânone.
Apesar da fome e dos bichos
que servem ao escritor-pose
para dizer – “é o caos”.
Apesar da entrada de serviço,
do país e da sífilis. Apesar de
a mão contesta o esquecimento.
Quem a ler, leia sob o impacto
dos nervos, leia-se: preparado
para o desvio que faz os vivos.
– A mão que suporta o verbo
não deveria ceder ao comércio.
Espera-se dela, ontem e agora,
algo mais que receber prêmios.
Por isso a mão carolina
escreve em acusação sem volta.
(Pereira, 2017, p. 45)

O texto de Pereira possui várias referências à vida e obra de Carolina Maria de Jesus em elementos diversos citados ao longo do poema. Assim como nos versos de Evaristo, é apontada a ausência de leituras que transcendam a centralidade de questões biográficas e valorizem outros aspectos da produção da autora, o que fica explícito no trecho “(...) Tanto engenho /em sua arte mas livro após livro/insistem em falar sobre o lixo”, que podem ser associados ao fato de que parte da crítica tentou e ainda tenta destituir essa escritora de um lugar de criação literária e artística, aqui representado pelo par “engenho e arte”, que é muitas vezes esquecido e preterido em função daquilo que pode render um apelo maior, devido a uma associação feita com aspectos documentais como a miséria e o lixo.

A citação à entrada de serviço também tem relação direta com questões muito presentes criticamente na obra da autora citada. Assim como a porta dos fundos, o chamado quarto de empregada e tantos outros espaços e conceitos segregadores, como o próprio quarto de despejo⁷, a entrada de serviço também é um elemento que marca fortemente a discriminação entre indivíduos na sociedade. De acordo com Pereira:

A porta dos fundos cristaliza as práticas de exclusão étnica, econômica e social e restringe as áreas de circulação do discriminado no espaço físico (por obrigá-lo a ocupar um lugar de trabalho e de relações obscuras, “os fundos”) e no espaço simbólico (por inculcar-lhe a ideologia de aceitar sua própria invisibilidade) (Pereira, 2022, p. 88)

Em ambos os espaços, físicos e simbólicos, esses indivíduos experimentam a exclusão social, e é justamente essa a posição recorrentemente evocada e problematizada por Carolina Maria de Jesus em seus escritos. Entretanto, apesar da segregação e do cânone, como é colocado no poema, Carolina escreve e, ao fim do texto se torna, na história já escrita e em produções que ainda reverberam nos dias de hoje, além de sujeito, adjetivo para um determinado tipo de escrita muito necessária em nossa realidade, aquela que “suporta o verbo” e “escreve em acusação sem volta”.

A título de considerações finais

O objetivo do presente artigo foi, a partir de reflexões sobre a importância de Carolina Maria de Jesus em nosso sistema literário, analisar produções poéticas contemporâneas que guardam relações diretas com a vida e a obra dessa autora. Espera-se que, a partir da análise dos poemas aqui selecionados, tenha sido possível vislumbrar um pouco da influência da escritora mineira e do consequente estabelecimento de sua produção literária como referência incontornável da literatura brasileira.

É importante observar que o recorte feito neste texto elegeu dois autores e três poemas, mas muitos outros trabalhos artísticos já surgiram a partir de Carolina Maria de Jesus, como

7 “(...) Chegaram novas pessoas para a favela. Estão esfarrapadas, andar curvado e os olhos fitos no solo como se pensasse na sua desdita por residir num lugar sem atração. Um lugar que não se pode plantar uma flor para aspirar o seu perfume, para ouvir o zumbido das abelhas ou o colibri acariciando-a com seu frágil biquinho. O único perfume que exala na favela é a lama podre, os excrementos e a pinga. (...) Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos. (...) As oito e meia eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de cetim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (Jesus, 2014. p. 31)

textos literários de Stephanie Borges e Jarid Arraes e obras de artistas visuais como Janaina Barros e Flávia Santos, entre muitos outros, que poderão ser abordados em futuras pesquisas.

De acordo com Jessica Mara Raul:

No caso de Carolina de Jesus, a escrita foi um instrumento de resistência (...) a manutenção de toda uma forma de pensar a vida dos negros e, nesse sentido, permitir a afirmação da identidade diaspórica coletiva, mesmo que na adversidade, acabando por quebrar a invisibilidade criada por uma única história, para transformá-la na história de luta contra a dominação a partir do entrelaçamento entre o saber literário e o histórico (Raul, 2019, p. 10)

A partir dessas considerações e das reflexões anteriormente elencadas, compreende-se a necessidade da existência de pesquisas que se debrucem sobre a obra desses autores, sejam aqueles já considerados referências ou os contemporâneos que, por sua vez, seguem produzindo a partir de seus antecessores e de suas próprias experiências e agruras dentro de uma sociedade que, ainda hoje, infelizmente ainda repete equívocos e barbaridades como aqueles que um dia Carolina Maria de Jesus sofreu – e a partir dos quais também criou sua arte.

Referências

EVARISTO, C. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009. Disponível em <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510>. Acesso em 12 abr. 2024.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo revê a Macabéa de Clarice como mulher potente e silenciada. *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, São Paulo, 26/12/2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/12/conceicao-evaristo-reve-a-macabea-de-clarice-como-mulher-potente-e-silenciada.shtml>. Acesso em 12 abr. 2024

FORTUNA, Maria. Livro de ex-catadora provoca “racha” na Academia Carioca de Letras. *O Globo*. Rio de Janeiro, 19/04/2017. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/post/livro-de-ex-catadora-provoca-racha-na-academia-carioca-de-letras.html>. Acesso em: 12 abr. 2024.

GONZALEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUIMARÃES, Cleo; FORTUNA, Maria. “Racha” entre intelectuais sobre obra de Carolina de Jesus: clima cada vez mais tenso. *O Globo*. Rio de Janeiro, 22/04/2017. Disponível em:

<https://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/post/racha-entre-intelectuais-sobre-obra-de-carolina-de-jesus-clima-cada-vez-mais-tenso.html>. Acesso em: 12 abr. 2024.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. *Antologia pessoal*. Org: José Carlos Sebe Bom Meihy. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

LUCINDA, Elisa. Carolina de Jesus é literatura sim! *In*: Publishnews. São Paulo, 24/04/2017. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2017/04/24/carolina-de-jesus-e-literatura-sim>. Acesso em 12 abr. 2024.

MENEZES, Hélio e BARRETO, Raquel. Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros. *In*: Instituto Moreira Salles. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://ims.com.br/exposicao/carolina-maria-de-jesus-ims-paulista>. Acesso em: 12 abr. 2024.

PADILHA, Laura. Um corpo lido: Carolina de Jesus por Elzira Perpétua. *In*: Literafro. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/ensaio/8-carolina-maria-de-jesus-avida-escrita-de-carolina-de-jesus>. Acesso em: 12 abr. 2024.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *E*. São Paulo: Patuá, 2017.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Entre Orfe(x)u e Exunouveau*: análise de uma estética de base afrodiáspórica na literatura brasileira. São Paulo: Fósforo, 2022.

RAUL, Jéssica Mara. Carolina Maria de Jesus: literatura, espaço e história. *Labirinto*, Porto Velho, v30.n.1.p.241-253. 2019. DOI: <https://doi.org/10.47209/1519-6674>

VIEIRA JÚNIOR, Paulo Antônio; SILVA, Andressa S. Configurações do discurso parodístico na poesia de Conceição Evaristo. *Texto Poético*, v. 20, n. 41, p. 130-151, jan./abr. 2024. DOI: <https://doi.org/10.25094/rtp.2024n41a892>

Data de submissão: 15/08/2024

Data de aceite: 01/11/2024